

A vingança da floresta virgem **Um destino de imigrante – De uma crónica familiar***

Hilda Siri

É ainda manhã cedinho. Os primeiros raios de sol afagam as florestas penumbrosas que se estendem pelas encostas. Mas no vale, em que um regatinho alegre corre saltitando, reinam ainda as névoas e a fresquidão. Um caminho limpo, calcorreado, vai serpenteando pelas roças e, por sobre matos e cascalho, conduz monte acima. É por aí que uma família de colonos vai avançando a caminho da sua labuta diária. A subida torna-se cada vez mais perigosa à medida que se aproximam da floresta. Há que roçar um pedaço de floresta virgem, tornar arável nova terra para cultivo.

À frente vai o pai, de machado ao ombro, empunhando na direita um grande facão do mato. Seguem-no os filhos rapazes, o maior transportando uma serra, os menorzinhos carregados com facas de mato, serrotes e cestos com as provisões para o dia todo. Vestindo calças ou saias grosseiras, camisas desbotadas, envergando nos pés cheios de poeira as chinelas com areia, é assim que a família de doze elementos vai peregrinando monte acima. A mãe, com o menorzinho pela mão, fecha o cortejo. Vão ficando cada vez mais para trás dos outros. Ninguém repara. Ela caminha mergulhada em pensamentos, de vez em quando um olhar orgulhoso desliza por aqueles meninos e meninas robustos, os seus filhos. O pequeno pendura-se-lhe, pesado, no braço e queixa-se das pedras e espinhos que lhe ferem os pés.

“Quase que é de mais para as minhas forças”, diz a mãe. “Estou saturada desta eterna luta com a floresta virgem. Já não aguento mais. Já estou cansada. Um filho atrás do outro. E cada um deles precisa de terra. De começo, para o alimentar, depois... para lhe garantir trabalho, o ganho e o futuro Não consigo vencer o medo desta selva inimiga.”

No entanto, ela tem a certeza de que, quando começar a derrubada das árvores e o arroteamento, terá as forças de um homem e não há-de fraquejar. Sabe também que a luta contra aquele monstro verde e malévolo a todos entusiasma, arrebatando-os a novas provas de força. Pois que o arroteamento é o que há de mais interessante e de mais aventureiro na dura labuta do colono. No mais profundo do seu íntimo também está firmemente convencida de que não há-de esmorecer até o menorzinho ficar amparado, ter o seu campo e ficar amparado.

Já se enche de alegria na expectativa desse tempo, da sua velhice, e muitas vezes imagina como há-de ser bom estar sentada na varanda da sua casa, com todo o sossego, repousar as mãos no regaço e olhar para a terra, a terra vencida, domada, fecunda. Mas essa meta ainda vem muito longe. Lá em cima paira ainda a ameaça da floresta, que ainda tem de ser vencida.

“Tenho medo de ti.” Busca com o olhar a monotonia verde da planura, que parece estender-se até ao infinito. “Sempre receei que tu nos tragasses a todos antes de nos termos assenhoreado de ti.”

* Tradução de Maria António Hörster. Siri, Hilda – Die Rache des Urwalds. In: *Serra-Post- Kalender*, Ijuí, Ulrich Löw, 1955, p. 107-110. Ou in: Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 31-34.

“Põe o chapéu de palha na cabeça”, diz para o pequeno, advertindo-o. “O Sol já queima a valer.” Ata o nó sob o queixinho delicado e o menino volta a anichar a sua pequena mãozinha na mão grande e calejada da mãe. Do coração brota-lhe a corrente calorosa de um sentimento fundo de felicidade e a boca articula, de novo confiante e serena:

“Nós os dois havemos de dar conta dela, tu e eu, vencer esta floresta malvada.”

“A floresta não é malvada”, diz a criança, “é linda e há muita coisa para ver. Mas desta vez quero ser eu a atear-la, para não ser sempre o Emil. Eu quero atear o fogo.”

“Está bem, desta vez podes ser tu a atear a floresta.”

Será que as velhas árvores, os grossos e tenazes cipós, os matagais emaranhados jamais ouviram um concerto assim?

Das outras vezes escutavam o rumorejar das copas, o farfalhar e ciciar das folhas, o estalido dos ramos, o embate surdo de um tronco apodrecido; os guinchos dos macacos, o estridular e o zunido dos insectos, o deslizar de uma serpente, o chamamento dos pássaros, a passada macia de uma onça e o grito de morte de um animal derrotado. Sons primevos, monótonas melodias, sob o sol escaldante uma canção de ninar, ao cair da noite, uma Ouverture a avolumar-se, depois, de novo, o bramar de uma trovoadas em fúria, de tempestades enraivecidas ou, semanas a fio, o gotejar monótono da chuva. Mas era sempre a eterna sinfonia própria da floresta virgem, ancestral.

Agora soam sons estranhos de árvore para árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Tremem numa dor surda e numa raiva impotente. O que escutam é o cântico de guerra da sua destruição.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Agora corre um segredar de tronco a tronco. Terá sido a peroba, velha de muitos séculos, que deu a ordem?

Até mesmo os pérfidos cipós sussurram àqueles de que se alimentam e folhas em queda passam notícia às ervas e às samambaias: Queremos vingança! Não há-de ser impunemente que destroem o nosso esplendor. E uma árvore esgalhada e retorcida, que goza de reduzida reputação entre as suas companheiras, tem um riso pérfido e escarninho: “Eu vou executar a vingança.”

Os gigantes acenam a aplaudir.

“Ora deem-me abaixo,” exulta a árvore estropiada. “Morro de uma morte leve. Pois que vingo a floresta.”

Aguarda, expectante, até que o machado a toca e, fazendo a escolha, deita um olhar lá para baixo para o pai, para a mãe e para a criança. Com frieza, e a avaliar, segue todo e qualquer movimento. Agora sente as cordas e os cabos que a hão-de arrastar lá para baixo, na direcção prescrita.

No ar paira uma tensão cheia de expectativa. Que também se apodera das pessoas. Em breve tombará.

A árvore geme uma vez mais, cruel e sarcástica, e então cai ao chão.

Mas não para onde homem e filhos a puxam, cai, teimosamente, numa outra direcção, e com o seu joelho retorcido atinge mortalmente a mãe. Ela viu-a inclinar-se, sentiu a deslocação do ar, quis desviar-se, mas hirta de pânico, é atingida pelo golpe violento que a deita por terra e lhe rouba os sentidos.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Depois irrompe num bramido de júbilo. Mas o seu cântico é sobrepujado pelo terrível grito de dor que se desprende de onze gargantas como se dum só peito se tratasse.

Pai e filhos usam todas as suas forças para soerguer o tronco do corpo em estertor. O seu suor mistura-se com o sangue da mãe agonizante. Cúpido, o húmus mole tudo absorve.

Ela ainda entreabre os olhos e fita as copas verdes das suas inimigas que, mesmo no momento da morte, lhe roubam a imagem amada do céu azul.

“Sempre foram minhas inimigas,” os lábios exangues mal se movem. “Eu pressentia que elas me haviam de matar.”

E com maior vivacidade, prossegue: “Deixem que seja o pequeno a atear a floresta. Eu prometi-lhe.”

Longo e angustiado silêncio, enquanto o anjo da morte a envolve carinhosamente nos braços.”Segura-me bem, marido, faz-se escuro. Ai, e faz-se a paz.”